

# Após anos de luta pela emancipação feminina no campo, Covid ameaça direitos conquistados

*Na América Latina e Caribe, as agricultoras familiares, camponesas e indígenas produzem 45% dos alimentos que consumimos. Aqui, algumas dessas mulheres contam dos impactos da pandemia em suas vidas e sustentos. Lembrem ainda que o cenário de crise só se intensifica com o descaso do Estado, alheio as suas condições*

[\(MarieClaire | 10/06/2020 | Por Manuela Azenha\)](#)

Quando os primeiros casos de [Covid-19](#) foram registrados no Brasil, em março, eles se concentravam nas metrópoles, principalmente São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Com o aumento gradual dos infectados, o vírus começou a se espalhar por outras capitais e criou uma rota de contaminação para o interior do país, o que levou, inclusive, pesquisadores da Unesp (Universidade Estadual Paulista) a elaborarem um estudo sobre a “interiorização do vírus”.

“Somente a partir do final de maio que os municípios tipicamente rurais, com cidades-sede com poucos habitantes, começaram a ser atingidos. Daqui para frente, eles serão sim mais impactados. Há agora uma preocupação do acesso que a população desses lugares terá aos serviços hospitalares para atendimento de casos mais graves que exigirão internação em UTI. Tratam-se de regiões que não possuem hospitais e terão de deslocar pacientes por ambulância até centros distantes (em alguns casos, mais de 200 km)”, prevê **Raul Guimarães**, professor titular do Departamento de Geografia da Unesp de Presidente Prudente.

**Michela Calaça**, agrônoma e dirigente do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), aponta possíveis riscos para a população rural: “Ao mesmo tempo em que os que ainda moram no campo ficam isolados uns dos

outros e mais protegidos da Covid, essas pessoas têm que vender o que produz e comprar o que não produz. Se o Estado não dá condição disso ser feito com segurança, o risco para as famílias agricultoras é grande”.

**[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)**